



POR UMA EDUCAÇÃO QUE NÃO REPRODUZA O PRECONCEITO: FORMAÇÃO DOCENTE E RESPEITO ÀS INFÂNCIAS LGBT+

Samila Veras Souza ¹

Maria Eduarda Pereira Pinto ²

Yvilla Rebeca Veras Farias ³

Kerlen Sousa Silva ⁴

Lucas Melgaço da Silva ⁵

RESUMO

O estudo investiga o tema gênero e sexualidade na formação docente, com ênfase no acolhimento das crianças. O grande problema é a falta de diálogo e de conversas sobre temas considerados tabus pela sociedade, porque gênero e sexualidade são parte da diversidade que deve ser incluída em todas as disciplinas. O objetivo é identificar, na observação do cotidiano escolar, como os alunos desempenham papéis de gênero e sexualidade com os colegas e como os professores tratam essas situações. O estudo busca sensibilizar e conscientizar educadores e educadoras sobre atitudes discriminatórias na sala de aula, no pátio, nas brincadeiras e em todo o ambiente escolar, promovendo práticas que respeitem as diferenças, as identidades, as afetividades e todas as formas de sentir afeto e de amar, estimulando projetos que representem mais a diversidade. A pesquisa é qualitativa, exploratória com uso de observação assistemática e revisão teórica de livros, usando Berenice Bento (2006), Bell Hooks (2013), Louro (2014) e Paulo Freire (2021), com estudo em uma escola pública no município de Crateús, Ceará, no Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID). Os resultados apontam ausência de formação sobre gênero e sexualidade e conclui-se que a formação inicial e a formação continuada devem contemplar mais estudos, integrar a discussão de forma transversal no currículo e criar estratégias pedagógicas capazes de combater discriminações, acolher a diversidade e promover paz e respeito à diversidade desde os primeiros anos da educação escolar.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Formação docente, Crianças.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em **PEDAGOGIA** da Universidade Estadual do Ceará (UECE), samila.veras@aluno.uece.br;

² Graduando do Curso de Licenciatura em **PEDAGOGIA** da Universidade Estadual do Ceará (UECE), mariaeduarda.pereira@aluno.uece.br;

³ Graduando do Curso de Licenciatura em **PEDAGOGIA** da Universidade Estadual do Ceará (UECE), yvilla.farias@aluno.uece.br;

⁴ Graduando do Curso de Licenciatura em **PEDAGOGIA** da Universidade Estadual do Ceará (UECE), kerlen.silva@aluno.uece.br;

⁵ Professor orientador: Doutorado. Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) / Centro Universitário Christus (Unichristus), lucas.melgaco@uece.br.





INTRODUÇÃO

A escolha do tema nasce das observações do Programa Institucional de Bolsa à Docência (PIBID) e da necessidade de compreender como gênero e sexualidade aparecem ou são silenciados na escola. A pesquisa parte da compreensão de que, como afirma Freire, “a palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as; não é só pensamento, é práxis”. (Freire, 2021, p.106). Essa fala é interpretada como um chamado para reconhecer que a palavra tem força na formação docente, principalmente quando os temas da diversidade não aparecem nas práticas educativas.

A investigação foi escolhida porque gênero e sexualidade contemplam a diversidade, mas, nas vivências do PIBID, observaram-se silenciamentos. Quando um assunto não é falado, ele é silenciado, e isso interfere no entendimento de alunos e professores sobre um tema tão importante. A escola, ao não abordar essas questões, deixa de permitir que todos compreendam como elas são tratadas nas interações e no cotidiano escolar.

O foco é analisar o contexto social e as interações nas brincadeiras, no intervalo e na sala de aula, entendendo se os docentes estão preparados para abordar gênero e sexualidade, e se existe ausência na abordagem desses temas nas práticas docentes. A perspectiva é observar a forma ética, educativa e cotidiana dessas relações e como isso aparece na rotina escolar.

A proposta da pesquisa ocorreu através das observações na turma do terceiro ano da Educação Básica, na Escola de Cidadania Padre Bonfim, em Crateús, Ceará, no ano de 2025. As reflexões foram construídas nas vivências do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em que foram observadas situações do interior da escola para compreender se existem discussões ou se há silenciamentos sobre gênero e sexualidade.

O problema da pesquisa é aprofundar porque o tema deve ser discutido, reconhecendo a sexualidade como conceito que ajuda a compreender sentimentos e a formação da identidade. Sexualidade e afeto aparecem como construção que envolve o outro, influenciando a convivência entre os alunos. Assim, tratar sexualidade nos anos iniciais é tratar dos afetos e não do ato sexual, mostrando que negligenciar o tema é também uma ferramenta política, como interpretado a partir de Louro (2014, p.25).





O problema inclui ainda enfrentar preconceitos, piadinhas e discriminações como “viadinho” ou “não usa o lápis rosa”, além de falas de professores que reforçam essas práticas. O estudo busca acabar com essas situações para que a escola não reproduza preconceitos e para que as relações respeitem a pluralidade das crianças.

A justificativa está na relevância de as crianças compreenderem que gênero é plural. Conforme interpretação de Louro (2014, p.27), projetos e apresentações mostram que mulheres e homens são diversos, podendo ter direitos iguais, usar qualquer cor e brincar de diferentes formas. Nos anos iniciais, isso aparece quando meninas brincam de carrinho, meninos brincam de boneca, e todos podem usar a cor que desejarem, entendendo que isso está tudo bem.

O objetivo principal é identificar, na observação do cotidiano escolar, como os alunos desempenham papéis de gênero e sexualidade com os colegas e como os professores tratam essas situações. A pesquisa acompanha práticas do PIBID para compreender se há respeito entre os alunos, se as crianças podem brincar livremente e se é possível construir um olhar que ajude a quebrar preconceitos como “isso é de menina” e “isso é de menino” dentro da escola.

METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e exploratória, sobre um tema ainda pouco investigado, e por isso foram feitas leituras de livros e artigos científicos para a elaboração. Foram utilizados Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista de Guacira Lopes Louro (2014), Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (2021), além de A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual de Berenice Bento (2006) e ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade de Bell Hooks (2013). Esses autores ajudaram a compreender o tema e serviram como base para interpretar as situações observadas no ambiente escolar.

A investigação foi realizada por meio de observação assistemática, com coleta de dados diretamente na escola. As observações foram feitas com uso de diário de campo pelas estudantes do PIBID, acompanhando comportamentos, interações entre alunos e professores e a dinâmica do cotidiano escolar. O estudo aconteceu na Escola de Cidadania Padre Bonfim, na cidade de Crateús, no ano de 2025, em uma turma do terceiro ano dos anos iniciais.

As anotações foram discutidas em rodas de conversa, nas quais o grupo, formado por quatro alunas, analisou o que cada uma havia percebido nas interações, nas falas e nas situações.



do cotidiano escolar. As interpretações foram feitas a partir dos autores estudados, relacionando as observações com as ideias presentes nos livros utilizados ao longo da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Poderíamos dizer que, para os docentes, algumas religiões ditam o que deve ou não ser ensinado às crianças, definindo condutas, gestos, modos adequados e até a forma de caminhar e falar. Em muitos momentos, essas regras estimulam o silêncio e ensinam o que dizer e o que não dizer (Louro, 2014, p. 97). A partir dessa interpretação, a autora mostra que existe não só a escola, mas também a sociedade, que silencia esses assuntos porque não interessa permitir que as crianças se conheçam e sejam o que desejam, como se fossem corpos que pudessem ser controlados. Diferenças, distinções e desigualdades atravessam esse processo, e a escola participa disso, pois ela também produz ideias do que é normal e do que é anormal (Louro, 2014, p. 61). Assim, quando a escola diz que um menino não pode usar lápis rosa, está reproduzindo preconceito. A perspectiva apresentada entende que esses controles não fazem parte da construção de liberdade, que é o ponto onde Freire (2021) e Louro (2014) se encontram, pois ambos defendem que o diálogo e a compreensão das experiências das crianças desencadeiam empatia e práticas educativas mais humanas.

A pretensão de Freire é explicar que “o diálogo crítico e libertador, pois isto, mesmo que suponha a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação, não o diálogo a escâncaras, que provoca a fúria e a repressão maior do opressor” (Freire, 2021, p. 152). Essa fala mostra que, quando existe diálogo crítico, as pessoas começam a conhecer o que antes desconhecia e, quando ela conhece, ela cria a própria opinião, que liberta, porque deixa de ser alienada pela opinião dos outros e passa a ter sua própria opinião.

E, nessa perspectiva, isso também acontece com as crianças, porque quando elas entendem que podem ter suas próprias opiniões, suas próprias vontades e seus próprios jeitos de ser, elas se libertam da opressão. As crianças muitas vezes são oprimidas quando não podem usar o que querem, quando não podem brincar do jeito que querem, quando não podem usar a cor rosa sem serem ridicularizadas, quando não podem ter cabelo curto porque dizem que menina não pode, ou quando existe um estranhamento porque um menino usa azul ou rosa.





Então, quando Freire (2021) fala que tem que ser com os oprimidos, aqui os oprimidos são as crianças, que são silenciadas por coisas que não têm nada a ver, como uma cor que é só uma cor. E isso se conecta com o que Louro (2014) fala, porque ela explica que a sociedade e às vezes até a escola tentam controlar condutas, gestos e modos das crianças, como se fossem corpos que podem ser controlados. Então, se não houver diálogo, como Freire (2021) fala, esse diálogo que evita que o opressor silencie, no caso a sociedade que tenta calar essas questões, nunca vai existir liberdade. E é nessa perspectiva que todo esse estudo se encaixa, porque quando a escola diz que o menino não pode usar lápis rosa, ela está reproduzindo preconceito. Por isso os autores se encontram: os dois defendem que o diálogo, a compreensão e a liberdade fazem com que as experiências das crianças desencadeiem empatia e práticas educativas mais humanas.

Assim, quando Hooks (2013, p. 25) fala que “A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo. Ao longo de meus muitos anos como aluna e professora, fui inspirada sobretudo por aqueles professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção. Esses professores se aproximam dos alunos com a vontade e o desejo de responder ao ser único de cada um, mesmo que a situação não permita o pleno surgimento de uma relação baseada no reconhecimento mútuo. Por outro lado, a possibilidade desse reconhecimento está sempre presente.”

Entender-se que ensinar é algo que exige vontade verdadeira do profissional docente. Ela diz que ensinar não é só entregar informação, mas participar do crescimento intelectual e espiritual de cada aluno. Isso combina muito com Freire (2021) e com Louro (2014), porque todos eles falam que ensinar precisa do diálogo, precisa de desejo de fazer o aluno criar sua identidade. É olhar para cada aluno como alguém único, com uma alma que precisa ser respeitada. É perceber suas dificuldades, seu tempo, seu jeito de aprender e criar caminhos para que ele aprenda a trilhar sozinho. Por isso, aqueles professores que têm coragem de ensinar





desse jeito acabam indo além da rotina de linha de produção, porque eles respeitam o aluno como pessoa, como sujeito que pensa e sente.

Por fim, cada autor traz suas contribuições para educação e mostra que há vários desafios enfrentados para uma formação profissional docente efetiva, que leve respeito, diálogo e liberdade para as crianças. Então a gente vê a necessidade de transformação, e mais discussões e colocar em debate no campo social, pois é nesses debates que constroem e se reproduzem as relações entre todos os sujeitos, com a justificativa de acabar com as desigualdades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se que gênero e sexualidade aparecem de forma indireta no dia a dia dos estudantes na escola, muitas vezes expressas por meio de abraços dos meninos um com o outro, quando dividem um lápis rosa ou, às vezes, por falas preconceituosas, como chamar o outro de “viado”. Essas situações mostram que esse tema surge nas pequenas ações, nas brincadeiras e nas falas espontâneas dos alunos, sem informação nenhuma. Porque “viado” alude ao animal veado, mas nessa situação é usado de forma pejorativa para chamar o coleguinha como se fosse errado um homem gostar de outro homem, quando a palavra certa seria “gay”. Mas usa-se “viado”, então entende-se a urgência de falar sobre esse tema. Esse resultado mostra um preconceito em que as crianças não têm nenhuma consciência do que estão falando.

Nota-se, primeiramente, a fragilidade teórico-prática dos docentes ao tratarem de questões como essas. Observou-se que não conseguem agir e, por isso, não realizaram nenhuma abordagem diante das questões que surgiam. Aconteceram episódios que, para os alunos, pareciam brincadeiras, e talvez até para o próprio professor. Contudo, o que ficou evidente foi a falta de qualquer intervenção, diálogo ou tentativa de conversar com os estudantes sobre o assunto. Dessa forma, o corpo e o jeito de ser das crianças apareceram de diferentes maneiras no cotidiano, sem que houvesse orientação ou mediação adequada por parte do docente.

Além disso, o tema não é abordado nos livros didáticos que os estudantes utilizam, perpetuando-se enquanto conteúdo de descrédito até mesmo pela comunidade que solidifica o conhecimento deles, o que comunga com a ideia de que deve continuar sendo um tabu e de que as consequências desses preconceitos podem afetar os indivíduos de múltiplas maneiras,



sendo levados durante toda a sua vida.



Nas discussões do grupo pibidiano, concluiu-se que normalizar que não existem objetos, brinquedos, cores, roupas ou gostos musicais exclusivos para meninos ou para meninas é fundamental para transformar esse cenário de preconceito ainda presente na sociedade contemporânea. Observou-se que todos os jeitos de ser devem ser respeitados igualmente, pois é perceptível quando o gosto de uma criança é desqualificado, fazendo com que ela se sinta limitada e obrigada a seguir certos padrões. Compreendeu-se também que gênero é aprender que existem vários jeitos de ser menina e vários jeitos de ser menino, e que todos merecem respeito. Já a sexualidade, para as crianças, aparece como o afeto que elas demonstram por outras crianças, mostrando que gostar de alguém do mesmo gênero ou de outro gênero não apresenta nenhum problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse trabalho observou que, se o menino quiser brincar de boneca, vai ter um estranhamento de algumas pessoas, de alguns professores, da gestão escolar ou até mesmo da família. Nota-se que falar de gênero e sexualidade na infância é quase uma transgressão. Se a menina tem o cabelo curtinho, muitas vezes é chamado de cabelo de homem, mas é cabelo de mulher, e ela continua sendo menina se ela quiser. E, se o menino vier de camisa rosa, também vai ter um estranhamento por parte de algumas pessoas. Observa-se o quanto é difícil e árduo para que as pessoas, os professores e a sociedade entendam que, às vezes, as crianças vão gostar de um amigo ou de uma amiga, e que isso é só carinho. Isso é afeto e é normal. Sexualidade também é isso: ter afeto pelos colegas. Se uma menina gosta de brincar com uma amiga e quer ficar perto dela, isso é afeto; se gostar de um amigo, também é afeto. Está tudo bem. Um menino gostar de outro menino, está tudo bem. Gostar de alguém é gostar de estar perto, gostar de brincar e gostar de abraçar, e todo mundo sente isso. Tem adulto que, quando cresce, gosta de homem, e tem adulto que, quando cresce, gosta de mulher, e isso é coisa de adulto. Tudo isso é normal, e sentir carinho nunca é errado.

Graças às vivências no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível construir uma roda de conversa para elaboração deste trabalho sobre este tema tão importante aos graduandos tenham em mente o conhecimento sobre a educação de gênero e sexualidade e de que se precisa urgentemente ser reforçado o tema quando forem para





a sala de aula. Também é importante para dialogar com os colegas das universidades e, quando forem futuros professores, poderem abordar esses assuntos no ensino fundamental dos anos iniciais. Porque, é desde a base, falando sobre o que é gênero e o que é sexualidade, é que a criança começa a construir a sua própria identidade. Ou seja, se ela quiser ter afeto pelo mesmo gênero, um menino com um menino, então é apenas respeitar, porque ela escolheu assim e construiu a sua identidade dessa forma. E cabe a sociedade mostrar respeito a ela e a todas as crianças ao seu redor.

Acredita-se que só vai haver uma melhora nos índices de mortes contra a comunidade LGBTQ+ quando esses assuntos começarem a ser tratados desde a infância, desde os anos iniciais. Por isso, todos os pedagogos em formação e profissionais docentes que atuam devem abordar esses assuntos sem medo e tentar dialogar, porque é um assunto transversal e importante para ser tratado. E só vai diminuir esses casos quando tiver mais gente envolvida, trazendo mais pessoas para dialogar, conhecer o tema e entender ele. Só assim pode haver uma diminuição dos casos de mortes de pessoas LGBTQ+, que no Brasil é o que mais mata.

REFERÊNCIAS

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2013.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra, 2021.

